



Racismo e violência verbal: a construção textual e sociocognitiva da #SomosTodosMacacos

Racism and verbal violence: the text and socio-cognitive construction of the #SomosTodosMacacos

Rafahel Jean Parintins Lima

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos, Minas Gerais / Brasil

rafahelparintins@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0128-3068>

Edwiges Maria Morato

Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), Campinas, São Paulo / Brasil

edwiges@iel.unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-0986-2630>

Resumo: Este texto tem como objetivo discutir a violência verbal e o racismo a partir da análise da mobilização textual de *frames* de racismo na #SomosTodosMacacos em *corpus* de textos constituído na pesquisa de doutorado de Parintins Lima (2019). O *corpus* compõe-se de artigos de opinião publicados em jornais, revistas e portais de notícia do Brasil, produzidos em reação à #SomosTodosMacacos, publicada pelo jogador de futebol brasileiro Neymar Junior, no dia 27 de abril de 2014, nas redes sociais, depois que seu companheiro de equipe Daniel Alves sofreu um ato racista na Espanha. A metodologia consistiu na descrição, na identificação e no levantamento de *frames* de racismo emergentes no *corpus*, identificando os mais produtivos e observando seu papel na construção do sentido da #SomosTodosMacacos. O principal resultado do presente estudo é o de que a interpretação da #SomosTodosMacacos como racista ancora-se tanto em conhecimentos estabilizados e mobilizados textualmente na forma de *frames*, por exemplo, quanto em sentidos mobilizados ou construídos na tessitura textual desenvolvida nos artigos de opinião do *corpus*, principalmente pela associação do enunciado “Somos todos macacos” à representação do negro como macaco, enraizada

sócio-historicamente no evolucionismo europeu. Conclui-se que a interpretação da #SomosTodosMacacos como racista pode pautar-se por uma construção textual e sociocognitiva do *frame* de racismo, salientando o caráter violento da *hashtag* analisada.

Palavras-chave: racismo; violência verbal; texto; cognição; *hashtag*.

Abstract: This text aims to discuss verbal violence and racism by means of the analysis of racist frames deployed in #SomosTodosMacacos considering a corpus of texts constituted during the doctoral research by Parintins Lima (2019). The corpus was composed of opinion articles published in newspapers, magazines and news portals in Brazil, produced in reaction to the #SomosTodosMacacos published by Brazilian soccer player Neymar Junior, on April 27th, 2014 on social networks after his teammate Daniel Alves suffered a racist act in Spain. The methodology consisted of the description, identification and quantification of racism frames emerging in the corpus, identifying the most productive ones and observing their role in the meaning construction of #SomosTodosMacacos. The main result of the present study is that the interpretation of #SomosTodosMacacos as racist is anchored in stabilized and textually mobilized framed knowledge. The other result is that the *hashtag*'s interpretation is also anchored in social meanings mobilized or constructed in the opinion articles mainly by the association of the statement "We are all monkeys" to the representation of black people as monkeys which is rooted socio-historically in European evolutionism. The conclusion is that the interpretation of #SomosTodosMacacos as racist can be based on textual and socio-cognitive constructions of racist frames, pointing out the *hashtag*'s violent character.

Keywords: racism; verbal violence; text; cognition; *hashtag*.

Recebido em 19 de abril de 2020

Aceito em 09 de julho de 2020

1 Introdução: violência verbal e racismo

Tematizada por filósofos (ARENDDT, 1969; CHAÚÍ, 2018; FOUCAULT, 1975, entre outros), bem como por sociólogos (BOURDIEU, 1998; ELIAS, 1989, entre outros), a violência configura-se como um objeto de estudo regular e sistemático no âmbito de várias disciplinas científicas nas últimas décadas.

Uma concepção instrumental de violência no campo da sociologia, por exemplo, a compreende como força social cheia de sentido e dotada de

uma capacidade de estruturar a realidade, de forma a alcançar determinados objetivos (CORRADI, 2009). A violência racista estaria, assim, vinculada a determinados projetos sociopolíticos (cf. BETHENCOURT, 2018) que presidem não apenas as formas mais gerais de organização da vida social (por meio das guerras, da eliminação de povos inteiros, do controle da informação pela mídia etc.), como também da vida cotidiana (por meio da vigilância de regras e condutas morais, da prescrição da esfera comunitária, da “depuração” étnico-racial etc.). Sendo uma construção sociopolítica, a violência tem sido legitimada ou deslegitimada por grupos de poder que, entre outras coisas, decidem o que ela é, o que ela não é e em quais circunstâncias ela opera (CALDERÓN, 2018).

O estudo mais sistemático da violência ou da sua expressão sugere que a violência verbal e não verbal, emergindo de contingências sócio-históricas (CHAUÍ, 2018), não pode ser vista nem de forma naturalizada, como se fosse “inerente” às relações humanas, nem como um mero “ruído” social (cf. SILVA, 2017, p. 130). Do mesmo modo, sugere que, embora a violência verbal possa ser associada a fenômenos humanos como a descortesia ou a mentira, não se confunde com eles.

Como postulado por muitos estudiosos desse fenômeno social, a violência certamente manipula e controla comportamentos humanos, dentre eles, a linguagem. Utilizada de diversas maneiras em diferentes contextos da experiência sociocultural humana para intimidar, insultar, injuriar, humilhar, difamar, ameaçar, agredir, desonrar e coagir pessoas e comunidades inteiras, a violência verbal tem impactos psicossociais importantes, como o controle ou a restrição de mobilidade, o isolamento (in)voluntário, a limitação profissional, o adoecimento e mesmo o suicídio. Tal como a expressão da violência de ordem sexista, outras formas de violência encontram na linguagem um substrato importante para questionar ou afrontar a reputação ou a dignidade de outrem: críticas, insultos, interpelações, assédios, apelos obscenos, controle discursivo de determinados padrões morais, calúnia, sarcasmo, difamação, apelidos humilhantes.

A violência verbal, assim como outras formas de violência, é um conceito de importância ético-política fundamental para o entendimento das relações humanas, assim como o de cooperação e o de comunicação. Por vezes menos evidente do que a violência física e construída na interação social, essa forma de violência – que atinge sobremaneira comunidades tidas como “minoritárias” ou socialmente vulneráveis – não pode ser entendida como um dano menor fadado ao “esquecimento” e à indulgência.

Na dinâmica da vida cotidiana, a violência verbal ou não verbal e seus efeitos individuais ou coletivos podem ser apontados, analisados e, por vezes, socialmente controlados. De fato, esses efeitos seguem sendo perceptíveis, ainda que, por vezes, impunes, nas sociedades contemporâneas, mesmo as democráticas. Os efeitos de ordem psicológica e os de ordem econômica estão entre aqueles que acentuam as consequências mais evidentes, como o *bullying* e o impedimento do acesso ou da progressão profissional de determinados segmentos sociais e mesmo da autonomia econômica por meio de reprovações ou de controle da informação, por exemplo.

A reação social à violência verbal tem sido, pois, variada, com respostas construídas por diferentes atores, atitudes e circunstâncias, como os movimentos identitários ou as iniciativas populares e parlamentares de combate ao machismo, ao racismo, à homofobia etc. Com o desenvolvimento de práticas reflexivas em torno dos mecanismos de funcionamento e impactos da violência, seja no campo científico, seja do campo das reivindicações políticas, diferentes formas de violência verbal têm sido cada vez mais socialmente inadmissíveis ou mal toleradas, passando mesmo a serem consideradas crimes, submetidas aos rigores da lei, como as associadas ao racismo, à pedofilia e à homofobia, bem como as que se configuram como preconceito de gênero e de classe.

No campo científico, os estudos sobre violência verbal abordam com frequência as experiências sociais públicas e institucionais potencialmente geradoras de violência, tais como conflitos conversacionais (descortesia, mal entendido, sarcasmo etc.), discursos de ódio nas redes sociais, debates políticos e midiáticos, conflitos construídos no âmbito de serviços prestados à população (como, por exemplo, delegacia de polícia, atendimento hospitalar, PROCON – instituição brasileira de proteção e de defesa do consumidor), nas salas de aula, em sessões parlamentares ou judiciais, nos serviços de imigração, em manifestações sociais (como greves e outros atos públicos, por exemplo). Estudos como esses procuram destacar a importância da linguagem na circulação e na percepção da violência (cf. FELTES *et al.*, 2015; SILVA, 2017), bem como caracterizar a dinâmica interativa da violência verbal em situações comunicativas face a face (AUGER; MOÏSE, 2004).

Embora a relação entre violência e racismo seja pressuposta em diferentes teorias e abordagens em diferentes campos do conhecimento científico, ela não é evidente. A violência tem sido frequentemente

concebida como conjunto de práticas simbólicas e políticas de tomada do outro como não dotado de direitos e deveres, isto é, como sujeito não político (CHAUI, 2018, p. 29-36). É coerente com essa ênfase sociopolítica a ideia de que a violência é historicamente contextualizada e envolve a dominação, inferiorização e/ou ataque físico e psicossocial a determinadas coletividades (ou indivíduos a estas pertencentes), como as mulheres, os negros, os judeus, os idosos etc. É assim que a violência verbal pode ser tomada como (re)construção linguística das práticas ou processos sócio-históricos de violência.

Ainda que os estudos sobre violência verbal privilegiem contextos nos quais a violência é mais linguisticamente explicitada,¹ nem sempre a relação entre violência e linguagem é de natureza explícita. Tal é o caso do objeto do presente artigo, centrado na relação entre violência verbal e racismo presente explícita ou implicitamente na #SomosTodosMacacos (lê-se “*hashtag* somos todos macacos”).

A relação aqui enfatizada entre violência e racismo parte do entendimento do racismo como forma sócio-histórica de violência, isto é, como um tipo de violência desenvolvido em determinadas sociedades e culturas (que nem sempre o veem como tal), em determinados espaços geográficos e tempos históricos² (a Antiguidade, a Idade Média ou o século XIX, na Europa e nas nações colonizadas), por determinados atores e forças sociais (os europeus, os governos e/ou as classes dominantes), contra determinados povos (africanos, afrodescendentes, negros, estrangeiros, ciganos, indígenas etc.) e com determinados interesses, objetivos ou projetos políticos (a colonização, a exploração econômica, a eugenia etc.) (cf. BETHENCOURT, 2018; MUNANGA, 2003; REGINALDO, 2018).

¹ Neste texto, utilizam-se os termos “explicitude” e “implicitude” como categorias linguístico-textuais (HANKS, 2008; KOCH, 2004; MARCUSCHI, 2007). Assim, tais termos não se referem aqui às teorizações acerca da implicitude da violência e do racismo nas ações humanas, verbais ou não verbais, para os quais se reserva o termo corrente “sutil”.

² Não há consenso entre os historiadores sobre quando e onde surgiu o racismo. Bethencourt (2018), por exemplo, defende que ele surgiu na Europa medieval. No Brasil, no entanto, a ideia mais estabelecida nas Ciências Sociais e na História é a de que ele surgiu com o racismo científico e após a abolição da escravização de africanos, no século XIX (MUNANGA, 2003; REGINALDO, 2018).

Há, portanto, uma complexidade ontológica a ser destrinchada nas interações entre linguagem, violência e racismo. A partir desse arrazoado, este artigo procura contribuir com o estudo dos processos linguísticos e sociocognitivos implicados na violência verbal, apontando alguns aspectos da interação entre violência verbal, racismo e *frames* textualmente mobilizados. A atribuição de violência e de racismo a determinada forma linguística (entendida como categoria linguística textualmente emergente) é mediada tanto por processos textuais, quanto por processos sociocognitivos não estritamente verbais, como os *frames*, que podem ser entendidos, segundo Fillmore (1982), como “sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário entender toda a estrutura em que se insere” (FILLMORE, 1982, p. 111).³ Os *frames* dizem respeito, pois, a um enquadramento sociocognitivo das experiências humanas; no caso do objeto deste artigo, eles atuam na ativação e na mobilização de conhecimentos e experiências associadas ao racismo, enfatizando ou não, de forma relativamente saliente, seus elementos de violência.

No escopo deste trabalho, a violência verbal não é marcada necessariamente por um aumento de tensão contextualizado por gatilhos interativos de conflito associados ao uso de determinados atos de fala (AUGER; MOÏSE, 2004, p. 294), mas, sobretudo, pela evocação linguística e sociocognitiva de determinados tipos de violência, como o racismo, nem sempre bem compreendido ou identificado na vida cotidiana, principalmente quando (re)produzido por processos textuais-discursivos, como os referenciais e os intertextuais. Tais processos encontram-se conjugados na ação social que é orientar a significação e a atenção a algo no mundo (TOMASELLO, 1999, p. 97).

Os processos referenciais abarcam principalmente o uso de expressões referenciais que, junto com outras construções linguísticas, como as predicções, colaboram para a construção de objetos de discurso, isto é, “objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas”, ao (re)categorizarem os referentes (re)ativados ou remetidos por construções textuais (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 35). É assim que a #SomosTodosMacacos, uma

³Texto original: “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits” (FILLMORE, 1982, p. 111, tradução de VEREZA, 2013, p. 114).

vez remetida ou introduzida no texto como referente, é categorizada inicialmente, no artigo de opinião *A bananização do racismo*, de Ana Maria Gonçalves (2014), por exemplo, como “ideia”, mas depois, no mesmo artigo, é recategorizada como “campanha” e “atitude de Neymar e de seu pai”, mobilizando, assim, determinados *frames* que também atuam na construção de uma perspectiva ou de um enquadramento cognitivo da *hashtag*.

Os processos intertextuais, por sua vez, estabelecem relações de sentido entre textos por meio tanto do uso de determinadas formas linguísticas que remetem, aludem ou citam um texto anterior tomado como conhecido, quanto de relações polifônicas com enunciadores presumidos, não necessariamente presentes em um texto específico (KOCH, 2004; KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008). Notamos uma forte presença de formas intertextuais, nos artigos de opinião que constituem o *corpus* aqui analisado. Todos eles, como se verá no quadro 1 da próxima seção, remetem ao intertexto “Somos todos macacos”, principalmente nos títulos, como “Somos todos macacos coisa nenhuma”, “Não somos macacos”, “Somos todos bananas” etc.

Por meio da análise de processos referenciais e intertextuais, bem como dos *frames* de racismo por eles mobilizados no uso e na reação à #SomosTodosMacacos, pretende-se abordar, neste artigo, uma forma de violência verbal baseada em preconceito étnico-racial: a associação de pessoas negras a macacos, a que se podem alinhar enunciados nem sempre tomados como racistas, como é o caso de “Somos todos macacos”. A representação racista do negro como macaco pode ser entendida como uma representação de animalização do negro que possui uma história particular, envolvendo certas culturas (europeias, africanas, americanas, asiáticas etc.), fazendo parte do genocídio do povo negro nessas sociedades.

2 O *corpus* de artigos de opinião sobre a #somostodosmacacos

Este texto discute dados e análises presentes na pesquisa doutoral de Parintins Lima (2019),⁴ voltadas para construções intertextuais e

⁴ O trabalho de Parintins Lima (2019) consiste em sua tese de doutorado realizada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), sob a orientação da professora Dra. Edwiges Maria Morato. A tese foi desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

mobilizações de *frames* de racismo. O objetivo principal da pesquisa de Parintins Lima (2019, p. 18) foi o de identificar e discutir a construção textual e sociocognitiva do racismo e do antirracismo nos artigos de opinião intertextualmente relacionados à divulgação da #SomosTodosMacacos, em 27 de abril de 2014, por Neymar Junior ao empreender uma polêmica campanha antirracista por meio de suas redes sociais.⁵ O *corpus* analisado compõe-se de 10 (dez) artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos, mobilizada amplamente pelas redes sociais e pela mídia brasileira após ter sido publicada pelo jogador de futebol Neymar Júnior (doravante NJ) e depois de este ter se valido dela (NEYMAR JÚNIOR, 2014) para reagir ao ataque racista sofrido em campo europeu pelo seu colega de time também brasileiro Daniel Alves, a quem foi lançada uma banana durante um certame na Espanha.

Tais artigos de opinião foram produzidos na imprensa comercial e na ativista na semana de lançamento da #SomosTodosMacacos, que recebeu grande adesão dos internautas. Parintins Lima (2019) observou que os sentidos identificados nas formas intertextuais e expressões referenciais de reação à #SomosTodosMacacos encontradas no *corpus* associam-se à saliência de diferentes elementos do *frame* de racismo, como o AGENTE, a VÍTIMA, a REAÇÃO AO RACISMO etc., indicando diferentes formas de construção sociocognitiva desse fenômeno social.

Para que o enunciado/intertexto “Somos todos macacos” da *hashtag* citada esteja ancorado em determinados sistemas de representação do racismo e seja uma expressão da violência verbal, é necessário compreender por que textos racistas como esse não são forçosamente proferidos por agentes de um grupo racial hierarquicamente considerado superior ao da vítima. Do mesmo modo, nem sempre a vítima sente-se humilhada ou colocada explicitamente “em seu lugar”. Assim, cabe indagar como o racismo desse enunciado, sem a explicitação de um agressor e de uma vítima, pode deixar de ser uma forma “subconsciente” de violência verbal. Este texto discute precisamente esse tipo de violência verbal sutil que invisibiliza ou dissimula o conteúdo racista do enunciado

⁵ A polêmica em relação à “campanha Somos Todos Macacos” girou principalmente em torno da evocação textual-discursiva de “macacos”, referência utilizada em insultos racistas para atacar pessoas negras. Um foco da polêmica menos contemplado, mas emergente, foi o envolvimento de uma agência de publicidade na criação da campanha, que teria, assim, dado menos espontaneidade à ação de NJ (PARINTINS LIMA, 2019).

“Somos todos macacos” por entender que a explicitação da confrontação é sempre recomendada no caso da naturalização do preconceito.

Embora possa conter um enunciado considerado racista (BRAGA; SANTOS, 2016; PARINTINS LIMA, 2019; PIRES; WEBER, 2018; SANTANA; BONINI; PRADOS, 2017), a #SomosTodosMacacos não é necessariamente interpretada de tal forma pelos leitores, usuários das redes sociais ou atores sociais relevantes que dela tomam conhecimento, em parte em decorrência da variedade de atores sociais que reagiram imediatamente à campanha iniciada por Neymar Júnior. Assim, foi possível encontrar artigos de opinião que se alinham⁶ e que se desalinham (DE COCK; PIZARRO PEDRAZA, 2018) aos sentidos atribuídos à *hashtag* e construídos como relevantes para a sua interpretação.

Entre os 10 textos que constituíram o *corpus* de sua pesquisa, Parintins Lima (2019, p. 285) encontrou aqueles que (i) tomaram a #SomosTodosMacacos como antirracista, (ii) aqueles que a consideraram um enunciado racista e (iii) aqueles para os quais seu sentido antirracista é questionável. Essa *hashtag* é retomada pelos articulistas tanto para denunciar o racismo, quanto para “inverter” localmente e performativamente os valores do estigma racista que toma o negro como macaco (de um valor negativo para um valor positivo). Segundo Parintins Lima (2019, p. 112), considerando que o uso da primeira pessoa do plural em “somos [...]” indicia enunciadores genéricos, essa estratégia textual-discursiva de “inversão” do valor de estigma da analogia ao macaco acaba abrindo “margem para a interpretação dos enunciadores genéricos [‘nós’] como formados pelos seres humanos em geral, evolutivamente (e figurativamente) engendrados a partir de espécies primatas não humanas” (PARINTINS LIMA, 2019, p. 112), possibilitando a interpretação do intertexto “Somos todos macacos” por meio de enquadres igualitaristas do tipo “somos todos humanos” ou “somos todos iguais” e, por fim, dando menor relevância à própria evocação da representação racista do negro como macaco, aludida principalmente pela categoria “macacos”. Assim, formas distintas de racismo e de antirracismo (igualitaristas e diferencialistas (COSTA, 2006; MUNANGA, 1999), por exemplo) configuram-se a partir de variadas

⁶ O alinhamento pode ser definido como a construção textual-discursiva de afiliação a determinado enunciador, ideia ou intertexto (cf. DE COCK; PIZARRO PEDRAZA, 2018, p. 6).

estratégias simbólicas (cf. BOURDIEU, 1989). Em função de sua sutil construção textual e sociocognitiva de sentidos, entende-se aqui que o enunciado “Somos todos macacos” se configura como um objeto de análise em torno do qual é possível observar a discussão sobre racismo e violência verbal racista em textos midiáticos de influência na opinião pública.

3 Principais *frames* e sentidos mobilizados na remissão à #somostodosmacacos no corpus

Antes de apresentar o levantamento de *frames* de racismo encontrados no *corpus*, cumpre descrevê-lo, ainda que resumidamente. As análises dos *frames* mobilizados nos textos basearam-se na metodologia desenvolvida por estudos do Grupo de Pesquisa COGITES, “Cognição, Interação e Significação”⁷ (BENTES; FERRARI, 2011; FERRARI, 2018; MARTINS, 2015; MORATO, 2010; MORATO; BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017; PARINTINS LIMA, 2018, 2019) e no estudo discursivo de *frames* (ISHIKAWA; MIRANDA, 2017; MIRANDA; BERNARDO, 2013; MORATO; BENTES, 2013; VEREZA, 2013, dentre outros). Cabe assinalar, neste artigo, que, em relação à notação e à descrição de *frames* adotadas,⁸ adaptaram-se as convenções utilizadas pelos projetos *FrameNet*⁹ e *FrameNet Brasil*,¹⁰ conforme descrito em estudos anteriores (BENTES; FERRARI, 2011; MIRANDA; BERNARDO, 2013; FERRARI, 2018; ISHIKAWA; MIRANDA, 2017; MARTINS, 2015; MORATO, 2010; MORATO; BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017; PARINTINS LIMA, 2018, 2019; VEREZA, 2013).

⁷ Informações sobre o Grupo de Pesquisa COGITES encontram-se disponíveis em: <http://cogites.iel.unicamp.br/>. Acesso em: 3 jan. 2020.

⁸ Para mais detalhes sobre as convenções de identificação, de notação e de descrição de *frames* adotadas, os seguintes trabalhos podem ser consultados: Morato *et al.* (2017); Morato e Bentes (2013); Miranda e Bernardo (2013); Vereza (2013); Morato (2010); Bentes e Ferrari (2011); Ferrari (2018); Martins (2015); Parintins Lima (2019).

⁹ Informações sobre o projeto *FrameNet* estão disponíveis em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/frameIndex>. Acesso em: 13 fev. 2020.

¹⁰ Informações sobre o projeto *FrameNet Brasil* estão disponíveis em: <http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>. Acesso em: 12 fev. 2010.

Os artigos de opinião analisados foram os seguintes:¹¹

QUADRO 1 – Artigos de opinião do *corpus*

Sigla	Título	Autor	Profissão	Suporte	Identificação do Suporte	Data de publicação	Fonte
T1	<i>Somos todos macacos</i>	Emir Sader	Cientista político e sociólogo	Portal de notícias	<i>Carta Maior</i>	28/04/2014	Sader (2014)
T2	<i>#Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma</i>	Marcos Sacramento	Jornalista	Portal de notícias	<i>Diário do Centro do Mundo</i>	28/04/2014	Sacramento (2014)
T3	<i>Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!</i>	Douglas Belchior	Ativista e professor de História	Revista	<i>CartaCapital</i>	28/04/2014	Belchior (2014)
T4	<i>Não somos macacos</i>	Breiller Pires	Jornalista	Revista	<i>Placar</i>	28/04/2014	Pires (2014)
T5	<i>#somostodosbananas</i>	Mirelle Martins	Jornalista	Portal de notícias	<i>HuffPost Brasil</i>	28/04/2014	Martins (2014)
T6	<i>Somos todos humanos</i>	Hélio Silva Jr.	Advogado	Jornal	<i>Folha de S. Paulo</i>	29/04/2014	Silva Júnior (2014)
T7	<i>Somos todos macacos</i>	Artur Xexéo	Jornalista	Jornal	<i>O Globo</i>	30/04/2014	Xexéo (2014)
T8	<i>Somos todos macacos?</i>	Deivison Campos	Cientista da Comunicação	Jornal	<i>Zero Hora</i>	30/04/2014	Campos (2014)
T9	<i>A bananização do racismo</i>	Ana Maria Gonçalves	Escritora	Portal de notícias	<i>Geledés</i>	01/05/2014	Gonçalves (2014)
T10	<i>Racismo não</i>	Camila Brandalise	Jornalista	Revista	<i>ISTOÉ</i>	03/05/2014	Brandalise (2014)

Fonte: Parintins Lima, (2019, p. 151).

Vejam-se, a seguir, as definições do (super) *frame* RACISMO e dos principais *frames* a ele conectados encontrados no *corpus* da pesquisa de Parintins Lima (2019). O processo de delineamento da definição

¹¹ Os artigos de opinião analisados não são disponibilizados em sua íntegra, neste artigo, para a preservação dos direitos autorais dos jornais, revistas e portais nos quais foram publicados.

do *frame* RACISMO consistiu, em linhas breves, na discussão teórica sócio-histórica e na observação de verbetes de dicionário em diferentes línguas (PARINTINS LIMA, 2019, p. 161-167).

QUADRO 2 – Definição do *frame* RACISMO

<i>Frame</i>	Definição
RACISMO	Entre os SERES HUMANOS há pelo menos dois GRUPOS RACIALIZADOS estabelecidos a partir de suas CARACTERÍSTICAS FÍSICAS. As CARACTERÍSTICAS FÍSICAS (morfofenotípicas) determinam CARACTERÍSTICAS CULTURAIS (comportamento, psique, cultura, linguagem etc.) de forma que há uma dominação do GRUPO RACIAL DESVALORIZADO, com características inferiores(izadas) (negativamente valoradas, rejeitadas), pelo GRUPO RACIAL VALORIZADO, com características superiores (positivamente valorizadas, prestigiadas).

Fonte: Parintins Lima (2019, p. 164, adaptado).

Parintins Lima (2019) identificou no *corpus* a predominância de elementos do *frame* RACISMO que salientam a representação do racismo como um objeto ou processo social (recorrência do elemento RACISMO) que aflige determinados grupos racializados de maneira hostil e violenta (recorrência do elemento VÍTIMA do *frame* RACISMO). Assim, pode-se dizer que o racismo, nos dados de Parintins Lima (2019), é concebido como processo social ligado ideologicamente à violência, uma vez que se destaca o sofrimento dos que são vitimizados pelo racismo. Trata-se, portanto, de uma forma particular de emergência do *frame* RACISMO, relativamente diferente da esperada pela definição no quadro acima, tomada como mais estabilizada, a partir da qual o racismo é concebido mais como uma estrutura social hierárquica e de dominação étnica, e não necessariamente como um *habitus* social (e racial) que causa sofrimento.

Apresenta-se a seguir a definição dos principais *frames* conectados textual e sociocognitivamente ao *frame* RACISMO no *corpus* da pesquisa:

QUADRO 3 – Definição dos principais *frames* conectados ao *frame* RACISMO

<i>Frame</i>	Definição
INSULTO	A PARTE OFENSORA usa palavras, imagens ou gestos (INSULTO) para atacar verbalmente a PARTE OFENDIDA. ¹²
EVOLUCIONISMO	ESPÉCIES ANCESTRAIS geram outras ESPÉCIES por meio das LEIS DA EVOLUÇÃO, no decorrer de um PERÍODO DE TEMPO EVOLUTIVO. As ESPÉCIES CONTEMPORÂNEAS são consideradas biologicamente superiores às ESPÉCIES ANCESTRAIS. ¹³
CIVILIZAÇÃO	O POVO CIVILIZADO é culturalmente superior ao POVO BÁRBARO EXÓGENO. ¹⁴
ESCRavidÃO	Um POVO ESCRAVOCRATA submete outro POVO ESCRAVIZADO à situação de ESCRAVIDÃO, definida centralmente pelo TRABALHO FORÇADO, isto é, sem soldo, por meio da PRIVAÇÃO DE LIBERDADE. ¹⁵

Fonte: elaboração própria.

¹² Definição adaptada do *frame* Cause_emotion assim definido pelo projeto *FrameNet*: “Um Agente causa determinada emoção em um Experienciador” (definição original em inglês: “An Agent acts to cause a Experiencer to feel a certain emotion”). Disponível em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/frameIndex>. Acesso em: 2 jan. 2010.

¹³ Definição adaptada de uma das acepções encontradas em verbete de dicionário, apresentada anteriormente em Parintins Lima (2019, p. 172): “e·vo·lu·ci·o·nis·mo sm [...] 3 FILOS Pensamento filosófico do século XIX que explica as transformações e evoluções da natureza, com todos os seres vivos e inanimados, através de uma ordem imanente, previsível e inevitável, que provoca o desenvolvimento em direção a estágios mais avançados e aperfeiçoados”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/evolucionismo/>. Acesso em: 2. jan. 2020.

¹⁴ Definição baseada em uma das acepções encontradas em verbete de dicionário: “3 Estágio de desenvolvimento econômico, científico e tecnológico de uma sociedade”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/civilização/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

¹⁵ Definição baseada em uma das acepções encontradas no verbete de dicionário: “2 Sistema social e econômico fundado na escravização de pessoas; exploração do trabalho escravo; escravagismo, escravatura, escravismo [...]”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escravidão/>. Acesso em: 2 jan. 2020). O elemento Privação_de_liberdade pode ser concebido a partir do *frame* Estar_em_cativeiro, assim definido pelo projeto *FrameNet* Brasil: “Um Tema é mantido em cativeiro por um Agente ou uma Causa”, disponível em: <http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>. Acesso em: 2 jan. 2020.

Observa-se que os *frames* acima consistem, de forma mais ou menos clara, em *frames* de violência, principalmente o *frame* INSULTO, que se relaciona com a violência verbal. Os outros *frames* também podem ser tomados como *frames* de violência a partir de determinados pontos de vista históricos, por consistirem em formas históricas de opressão de um povo contra outro.

Para destacar a relação entre violência verbal e racismo no *corpus*, apresenta-se a seguir uma súmula dos principais sentidos textualmente construídos em artigos de opinião motivados pela publicação da #SomosTodosMacacos. Esses sentidos são enquadrados conceptualmente por determinados *frames* associados ao racismo, ora de forma coordenada, ora de forma entrelaçada, ora de forma saliente (isto é, a partir da instanciação de certas propriedades do *frame*, como GRUPO RACIAL, AGENTE, VÍTIMA ou outra propriedade ou elemento do *frame*). Em termos breves, o estudo de Parintins Lima (2019, p. 87-120) aponta como principais sentidos ou enquadres interpretativos da #SomosTodosMacacos:

- (a) Determinada concepção de evolucionismo, que remonta ao racismo científico europeu do século XIX. Esse sentido é textualmente evocado na *hashtag* pelo uso da categoria “macacos”, com a colaboração do uso de imagens, da referência a bananas nas postagens das redes sociais que veicularam a *hashtag* e dos contextos, eventos ou ações racistas neles envolvidos (o ato racista sofrido por Daniel Alves e outros atos racistas, principalmente os que ocorrem nos campos de futebol);
- (b) A tese de igualdade e/ou de igualitarismo (racial, particularmente), que remonta às ideologias liberais europeias nascentes no Iluminismo. Esse sentido está ancorado linguisticamente na predicação “Somos todos” relacionada ao intertexto “Somos todos iguais”;
- (c) Demonstração de solidariedade a vítimas de violência. Esse sentido também está ancorado linguisticamente na predicação “Somos todos”, relacionada a intertextos do tipo *Somos todos N*.¹⁶

¹⁶ Os intertextos *Somos todos N* são aqueles que, iniciados pela construção “Somos todos”, consistem em textos responsivos a eventos sociais de violência, que afligiram determinada pessoa ou coletividade por ela representada. Exemplo: “Somos todos Charlie Hebdo”, “Somos todos Guarani-Kaiowá”, “Somos todos Amarildo” etc. (PARINTINS LIMA, 2019, p. 96).

Pode-se considerar o primeiro sentido ou enquadre (item i) como o mais diretamente relacionado ao sentido de violência, por licenciar o tratamento social e a construção sociocognitiva da população negra como racialmente inferior.¹⁷ Esse sentido é construído principalmente, no *corpus*, pela mobilização dos *frames* RACISMO, INSULTO e EVOLUCIONISMO, e é o principal responsável histórico pela representação do negro como macaco, uma das mais recorrentes representações racistas das pessoas negras (BRADLEY, 2013; MENDES, 2016; PARINTINS LIMA, 2019).

A representação do negro como macaco, de base evolucionista, é também o principal foco da construção textual e sociocognitiva dos sentidos atribuídos à #SomosTodosMacacos nos artigos de opinião encontrados no *corpus*. Essa representação expressiva do negro como macaco para o enquadramento do enunciado/intertexto “Somos todos macacos” pode ser apontada como a mais produtiva no *corpus* na dinâmica textual e sociocognitiva de *frames* associados ao racismo, conforme apresentado a seguir.

4 Elementos linguístico-conceptuais de violência na mobilização de *frames* de racismo no *corpus*

Nesta seção, destacam-se os “traços” de sentido predominantes encontrados por Parintins Lima (2019) no *corpus*, relevantes aqui para a discussão sobre violência verbal e racismo, e a sua relação com a mobilização de *frames* de racismo. O item (i) apresentado a seguir diz respeito a uma relação entre a representação do negro como macaco e o enquadramento racista de formas linguísticas textualmente introduzidas no *corpus*; o item (ii) diz respeito ao papel predominante dessa representação no enquadramento do enunciado/intertexto “Somos todos macacos” como racista; o item (iii) indica a importância de *frames* textualmente mobilizados de racismo nesse enquadramento. Os sentidos mais relevantes nos textos são, assim, os seguintes:

¹⁷ Segundo Gould (1991), o Evolucionismo também esteve historicamente ligado à construção das mulheres e das crianças (e de outras categorias socialmente desprezadas pela visão de mundo masculina e europeia daquela época) como seres biologicamente primitivos.

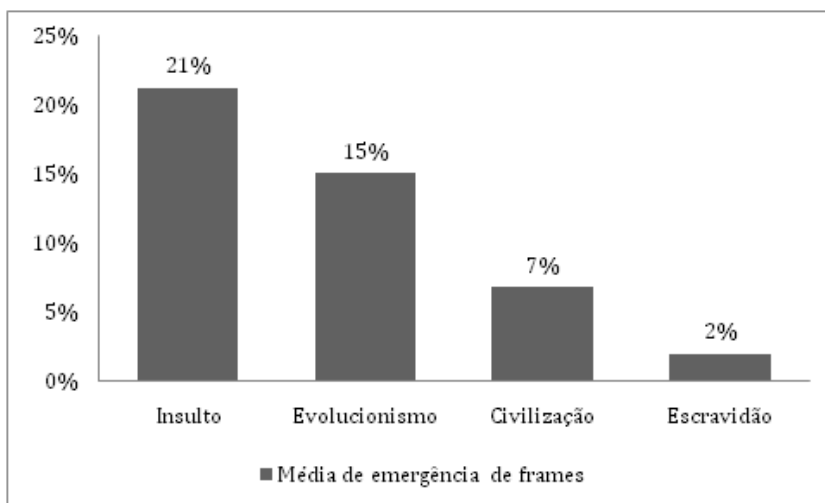
- (i) Representação racista do negro como macaco enquanto construção fundamental para a ancoragem sociocognitiva de formas linguísticas que, em outras circunstâncias ou práticas discursivas, não necessariamente seriam consideradas racistas, como o enunciado “Somos todos macacos”. No trecho do texto 2 do *corpus* apresentado no exemplo 2, por exemplo, a forma linguística textualmente introduzida “Chamar uma pessoa de cor de macaco” remete ao enunciado “Somos todos macacos”, relacionando-o à representação do negro como macaco e, assim, categorizando-o como um enunciado racista;
- (ii) Relevância da representação do negro como macaco no enquadramento do enunciado/intertexto “Somos todos macacos” no *corpus*, dentre outras formas de enquadramento, como no uso da expressão referencial no texto 8 “manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas”. Como se vê no exemplo 1 apresentado adiante, essa expressão remete ao enunciado “Somos todos macacos” relacionando-o à representação do negro como macaco, aludida, por sua vez, pela categorização “um discurso de desumanização do negro [...]”;
- (iii) Relevância de *frames* de racismo (principalmente RACISMO, INSULTO e EVOLUCIONISMO), ligados a violência (racista), no enquadramento do enunciado/intertexto “Somos todos macacos” no *corpus* (FIGURA 1)¹⁸ mobilizados não apenas pelas expressões linguísticas consideradas racistas (como na menção a “tição”, no texto 2, no exemplo 2), mas também na mobilização de conhecimentos por meio de construções textuais, como “um apelido”, “desumanização do negro” e “pressupostos evolucionistas”, no texto 8, no exemplo 1.

Nota-se que a relevância da representação do negro como macaco no *corpus* (itens i e ii acima) pode ter sido motivada pelo próprio contexto de publicação da #SomosTodosMacacos: o ato racista sofrido por Daniel Alves (DA), no qual torcedores lhe jogaram bananas durante

¹⁸ Entende-se aqui que a relevância quantitativa indicada pelo gráfico da figura 1 sugere uma relevância qualitativa (MIRANDA; BERNARDO, 2013, p. 87) indicada também nos comentários analíticos sobre os exemplos apresentados.

um jogo de futebol em um estádio espanhol. No *corpus*, a relevância da representação do negro como macaco é enquadrada principalmente pelos *frames* INSULTO e EVOLUCIONISMO. Assim, a principal focalização realizada pelos textos analisados na remissão à #SomosTodosMacacos é a evocação coordenada dessa representação enquanto insulto e a sua relação com o evolucionismo, conforme indica a orientação argumentativa dos textos quando o principal *frame*, RACISMO, é mobilizado. Na comparação entre as médias de mobilização dos *frames* conectados ao *frame* RACISMO no *corpus* (FIGURA 1), também se pode inferir essa tendência de mobilização coordenada de sentidos de insulto e de evolucionismo na mobilização da representação do negro como macaco:

FIGURA 1 – Médias de emergência de *frames* conectados ao *frame* Racismo no *corpus*



Fonte: elaboração própria.

Considerou-se que cada mobilização de *frame* corresponde a cada expressão referencial que evoca conhecimentos organizados em *frames*. Em relação a esses números, cabe dizer que foram encontradas 793 mobilizações de 07 *frames* de racismo, dentre os quais os acima apresentados e anteriormente definidos foram os mais frequentes. Para que se possa ter uma ideia dos dados absolutos, observa-se que houve entre n=45 (texto 8) e n=167 (texto 9) mobilizações de *frames* de racismo

em cada texto. A seguir, apresentam-se exemplos do apontado nos itens i, ii e iii.

Como se pode notar no trecho a seguir, extraído do texto 8, intitulado *Somos todos macacos?*, do professor de Jornalismo Devisom Campos, publicado no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre (RS) (CAMPOS, 2014, [s.p.]), observa-se que a representação do negro como macaco orienta sociocognitivamente o sentido do enunciado “Somos todos macacos”. Nesse extrato, os *frames* RACISMO e EVOLUCIONISMO são mobilizados conjunta e entrelaçadamente (cf. VEREZA, 2013) de forma a enquadrar o enunciado “Somos todos macacos”, a que o título remete sob forma de indagação/questionamento. O enquadramento interpretativo e argumentativo do enunciado por meio da mobilização desses *frames* é mais explicitado pela expressão referencial “manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas”. Essa expressão referencial alude à anterior, “O argumento utilizado pela campanha lançada por Neymar”, que, por sua vez, também remete ao título intertextualmente questionador “Somos todos macacos?”:

Exemplo 1

Texto 8:	Somos todos macacos?
Data de publicação:	30 de abril de 2014
Suporte:	Jornal <i>Zero Hora</i>
Autor:	Devisom Campos
[...]	[...]
§2/6 ¹⁹	O argumento utilizado pela campanha lançada por Neymar, proposto por uma agência de publicidade, e que teve grande repercussão nas redes não é suficiente, pois, neste caso, não se trata de um apelido que pode “pegar ou não”. ²⁰ Trata-se da <u>manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas.</u>

¹⁹ A notação “§2/6” indica que o trecho foi extraído do parágrafo 2 dentre os 6 parágrafos do artigo (PARINTINS LIMA, 2019).

²⁰ O argumento aludido é o de que se assumir como macaco poderia ser uma forma de não se ofender com a categorização racista (o “apelido”) e, portanto, poderia ser uma forma de reação aos insultos racistas.

No *corpus* da pesquisa, também se pode observar o enquadramento da #SomosTodosMacacos por meio da construção referencial da representação do negro como macaco, como no exemplo 2, a seguir. Nesse exemplo, o intertexto “Somos todos macacos”, remetido pelo título “#Somos todos macacos coisa nenhuma”, é categorizado pela expressão verbal nominalizada “Chamar uma pessoa de cor de macaco”, que mobiliza o *frame* INSULTO.

O *frame* INSULTO é mobilizado pela expressão racista “tição”, mas também, e principalmente, pela referência à expressão linguística sublinhada da representação do negro como macaco, “Chamar uma pessoa de cor de macaco”, recategorizada como “um dos xingamentos mais comuns e cruéis” e predicada, mais adiante, por “É pesado e cheio de subtextos, diferente de ‘tição’, por exemplo, que alude só ao tom da pele”.

A conexão entre os *frames* INSULTO e EVOLUCIONISMO pode ser identificada na recategorização de “macaco” como “um animal que, apesar de semelhante aos humanos, está alguns andares abaixo na escala evolutiva”. Essas expressões referenciais e predicções colaboram, assim, nesse exemplo, para enquadrar o intertexto “Somos todos macacos” como racista, ao mobilizarem os *frames* INSULTO e EVOLUCIONISMO.

Exemplo 2

Texto 2:	#Somos todos macacos coisa nenhuma
Data de publicação:	28 de abril de 2014
Suporte:	Portal de notícias <i>Diário do Centro do Mundo</i>
Autor:	Marcos Sacramento
[...]	[...]
§3/6	<u>Chamar uma pessoa de cor de macaco é um dos xingamentos mais comuns e cruéis.</u> Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco, ao aludir a <u>um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva.</u> <u>É pesado e cheio de subtextos, diferente de “tição”, por exemplo, que alude só ao tom da pele.</u>

Nesse exemplo, bem como no anterior, pode-se atestar a construção textual e sociocognitiva do intertexto “Somos todos macacos” por meio de expressões referenciais e predicções que mobilizam *frames*

ligados a racismo. Esses *frames*, por sua vez, enquadram esse enunciado de forma a relacioná-lo relevantemente ao sentido estigmatizante, racista e evolucionista da representação do negro como macaco. Atesta-se, assim, a validade das observações dos itens (i), (ii) e (iii) apresentados anteriormente nesta seção: a representação racista do negro como macaco como construção sociocognitiva fundamental para o enquadramento de expressões linguísticas que não necessariamente são interpretadas como racistas (“somos todos macacos”, por exemplo) (item i); a relevância da representação do negro como macaco no enquadramento do intertexto “Somos todos macacos” no *corpus* (item ii); e a relevância de *frames* ligados à violência no *corpus* por expressões verbais racistas e outras construções textuais que mobilizam esses *frames* de racismo (item iii).

Assim, observa-se, no *corpus*, que o enquadramento da #SomosTodosMacacos como um enunciado racista ancora-se, em parte, em conhecimentos organizados e mobilizados textualmente pelos *frames* RACISMO, INSULTO e EVOLUCIONISMO (PARINTINS LIMA, 2019, p. 151), conforme se pode observar nas construções textuais-discursivas analisadas.

5 Considerações finais

Com o objetivo de desvelar aquilo que a linguagem nem sempre explicita *per se*, procurou-se neste artigo observar a relação textual e sociocognitiva entre racismo e violência verbal. Observou-se que tal relação se mostra de maneira dinâmica, tanto nos alinhamentos e desalinhamentos intertextuais à #SomosTodosMacacos, quanto nos *frames* que, de forma coordenada e entrelaçada, atuam na conceptualização do racismo e na defesa de teses e arrazoados antirracistas.

Está a caracterizar a relação entre racismo e violência verbal não apenas a adesão ambivalente à performatividade inclusiva da *hashtag* (tal como ocorre na defesa da tese de que somos todos macacos porque somos todos humanos – negros ou não –, com uma mesma história evolutiva), mas também o que nela está ausente ou silenciado: a descomunal desigualdade social, a heterogeneidade da filogênese humana, o grau variado de reflexividade sobre representações racistas e antirracistas em enunciados próprios ou alheios.

Os dados aqui apresentados apontam, como se procurou mostrar no escopo deste artigo, para um tipo de violência verbal mais insidioso

(isto é, aquele que não se apresenta como tal), que acaba por reforçar a hipótese de um novo racismo, um racismo dito *sutil*, que não se pretende racista (LEACH, 2005; WHITEHEAD, 2018), e para uma “violência simbólica”, que também não se apresenta como tal (BOURDIEU, 1977, p. 192).

A análise textual e sociocognitiva dos artigos de opinião que reagiram à #SomosTodosMacacos indica que não apenas a associação entre pessoas negras e macacos, como também o próprio enunciado “Somos todos macacos”, por mobilizarem tanto *frames* racistas, quanto antirracistas, encontram-se na esfera da violência verbal, constituindo-se um dos xingamentos racistas mais recorrentes: o do negro como macaco.

Nossa análise aponta, ainda, a emergência de práticas textuais-discursivas de contenção de formas linguísticas consideradas politicamente incorretas, como as racistas. Isso de algum modo é indicativo da presença de uma reflexividade discursiva, isto é, de um:

[...] reconhecimento de todo um conjunto de conhecimentos compartilhados e coletivizados em torno do racismo brasileiro e de suas formas de manifestação e contenção, mesmo que esses conhecimentos sejam distribuídos de forma desigual e estejam, atualmente, no centro das disputas político-ideológicas (MORATO; BENTES, 2017, p. 14)

Esse reconhecimento a que se referem as autoras acima indica que as práticas textuais-discursivas de (re)construção da estabilidade sociocognitiva do *frame* RACISMO, ao salientarem os elementos constitutivos da violência, tornam-se fundamentais para que haja sentido social no seu enfrentamento, na identificação do contexto situacional de produção dos enunciados e na reação pública a eles.

Se, por um lado, a percepção social em torno da violência verbal ligada ao racismo aumenta nos últimos tempos e atua como “uma estratégia política fundamental das sociedades pós-modernas” (MORATO; BENTES, 2017, p. 14), as práticas racistas, por outro lado, têm recrudescido. De acordo com o Atlas da Violência de 2018 (CERQUEIRA *et al.*, 2018), elaborado pelo IPEA e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a violência física no Brasil é essencialmente racial: “71,5% das pessoas que são assassinadas a cada ano no país são pretas ou pardas. Se forem consideradas as mortes causadas por forças policiais, 76,6% das vítimas são negras” (LEONE, 2019, [s.p.]).

Com base nesses dados, entende-se que um dos alcances de estudos como este, como o de Parintins Lima (2019) e os de muitos outros, é a colaboração para a explicitação e detalhamento analítico das bases linguísticas e conceptuais do racismo, sempre ancoradas nas experiências humanas. Como afirma Morato (2018, p. 175), “é inegável que o conhecimento de processos a que ela (a linguagem) faz referência ou constrói abre espaço para mudanças epistêmicas e para uma composição de forças mais dinâmica no jogo social”. A visibilidade do racismo e da violência essencial que o move e o caracteriza, bem como sua comunicação à comunidade acadêmica ou não, é, assim, condição para o combate contra ele e faz parte da luta para a sua superação.

Vale notar, no ponto em que estamos, que as atuais políticas de inclusão e de reparação racial ainda devem ser fortalecidas, ampliadas e aperfeiçoadas para que o Brasil supere a violência do racismo estrutural que o caracteriza, em parte devido à sua naturalização, baseada, por exemplo, na fundamental relutância em admitir sua existência. Como afirma Guilherme Azevedo, o racismo está intimamente associado à violência: “O racismo é naturalizado na sociedade muito antes da intervenção do Estado e vem se perpetuando” (AZEVEDO *apud* SANTOS, 2018, [s.p.]). Tal arrazoado aponta para a necessidade de incremento da reflexividade social sobre o racismo, mesmo entre os que se perfilam em posições antirracistas ou aderem a discursos e práticas não racistas: “Não olhamos para a violência racial do mesmo modo que olhamos para a violência como um todo. Não está no foco do Direito Penal, nem da política de segurança pública e tampouco da mídia”, continua Azevedo (AZEVEDO *apud* SANTOS, 2018, [s.p.]). Identificar as sutilezas verbais do racismo nos mais diferentes contextos e práticas sociais pode colaborar com a identificação, a análise e a superação desse tipo de violência.

Agradecimentos

A pesquisa de Parintins Lima (2019) foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Declaração das contribuições de cada autor

Os autores Rafahel Parintins Lima e Edwiges Maria Morato produziram colaborativamente este artigo. A pesquisa de doutorado relatada no texto foi desenvolvida por Rafahel Parintins Lima, sob a orientação de Edwiges Morato, no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Ambos os autores conceberam e planejaram a escrita do presente artigo. Rafahel Parintins Lima escreveu uma primeira versão do texto, participando da escrita de todas as seções, principalmente do Resumo, do *Abstract* e das seções 2, 3 e 4, revisando as versões seguintes do manuscrito, assim como formatando a versão final. Edwiges Morato participou da escrita de todas as seções, principalmente da Introdução e das Considerações Finais, bem como da revisão de todas as seções do manuscrito.

Referências

- ARENDDT, H. *On Violence*. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1969.
- AUGER, N.; MOÏSE, C. Violence verbale, malentendu ou mésentente. *In: COLLOQUE DU DEPARTEMENT DE FRANÇAIS*, 1., 2004, Sousse. *Actes [...]*. Sousse: Département de Français; Faculté des Lettres; Université de Sousse, 2004. p. 293-302. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00965954>. Acesso em: 11 fev. 2020.
- BELCHIOR, D. Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor! *CartaCapital*, São Paulo, 28 abr. 2014. Disponível em: <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/contra-o-racismo-nada-de-bananas-por-favor/>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- BENTES, A. C.; FERRARI, N. L. “E agora o assunto é trabalho”: organização da experiência social, categorização e produção de sentidos no programa Manos e Minas. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literário*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 75-93, 2011. DOI: 10.35520/diadorim.2011.v10n0a3936. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334660390_E_agora_o_assunto_e_trabalho_organizacao_da_experiencia_social_categorizacao_e_producao_de_sentidos_no_programa_manos_e_minas. Acesso em: 11 fev. 2020.
- BETHENCOURT, F. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOURDIEU, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511812507>

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1989.

BOURDIEU, P. *La Domination Masculine*. Paris: Seuil, 1998.

BRADLEY, J. The Ape Insult: A Short History of a Racist Idea. *The Conversation*, Boston, 30 mai. 2013. Disponível em: <http://theconversation.com/the-ape-insult-a-short-historyof-a-racist-idea-14808>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BRAGA, L. M. da S.; SANTOS, F. C. Descasque e veja: a campanha #somostodosmacacos e o racismo. *Anagrama*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/108976>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BRANDALISE, C. Racismo não. *ISTOÉ*, São Paulo, 3 mai. 2014. Disponível em: https://istoe.com.br/360837_RACISMO+NAO/. Acesso em: 2 jan. 2020.

CALDERÓN, R. U. Violence and Social Exclusion in Urban Contexts in Central America. In: SALAHUB, J. E.; GOTTSBACHER, M.; BOER, J. de (org.). *Social Theories of Urban Violence in the Global South: Toward Safe and Inclusive Cities*. New York: Routledge, 2018. p. 99-120. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781351254724-7>

CAMPOS, D. Somos todos macacos? *Zero Hora*, Porto Alegre, 30 abr. 2014. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2014/04/30/artigo-somos-todos-macacos/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

CERQUEIRA, D. et al. *Atlas da Violência 2018*. Rio de Janeiro: IPEA/FBSP, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/9/atlas-2018>. Acesso em: 2 jan. 2020.

CHAUÍ, M. *Sobre a violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CORRADI, C. Violence, identité et pouvoir: pour une sociologie de la violence dans le contexte de la modernité. *Socio-logos*, Paris, v. 4, p. 1-11, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/socio-logos/2296>. Acesso em: 11 fev. 2020.

COSTA, S. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

DE COCK, B.; PIZARRO PEDRAZA, A. From Expressing Solidarity to Mocking on Twitter: Pragmatic Functions of Hashtags Starting with #jesuis Across Languages. *Language in Society*, Cambridge, v. 47, n. 2, p. 197-217, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404518000052>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/from-expressing-solidarity-to-mocking-on-twitter-pragmatic-functions-of-hashtags-starting-with-jesuis-across-languages/35A5F5AA82A4489B754F40F1F6140ABE>. Acesso em: 11 fev. 2020.

ELIAS, N. *La civiltà delle buone maniere*. La trasformazione dei costumi nel mondo aristocratico occidentale. Bologna: Il Mulino, 1989.

FELTES, H. P. de M. *et al.* Metaphors, Metonymies and Empathy in Focal Groups Talk about Urban Violence in Brazil: A Dynamic Discourse Approach. *Investigações*, Recife, v. 28, n. 2, p. 1-33, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1547>. Acesso em: 14 jan. 2020.

FERRARI, N. L. *A conceptualização da corrupção no discurso político: construção referencial e mobilização de frames nos debates presidenciais brasileiros de 2014*. 2018. 160f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333203>. Acesso em: 11 fev. 2020.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137. Disponível em: http://brenocon.com/Fillmore%201982_2up.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

FOUCAULT, M. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.

GONÇALVES, A. M. A bananização do racismo. *Geledés*, São Paulo, 1 maio 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bananizacao-racismo-por-ana-maria-goncalves/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HANKS, W. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

ISHIKAWA, C. M. L.; MIRANDA, N. S. Construindo um Pacto Social em sala de aula de Língua Portuguesa. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 70-92, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/5>. Acesso em: 11 fev. 2020.

KOCH, I. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

LEACH, C. W. Against the notion of a “new racism”. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, New Jersey, v. 15, p. 432-445, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1002/casp.841>

LEONE, I. Caminhos do racismo brasileiro: violência, trabalho, escravidão. *CartaCapital*, São Paulo, 28 fev. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/caminhos-do-racismo-brasileiro-violencia-trabalho-escravidao/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTINS, E. F. M. *Frames neoliberais na retórica neopentecostal: aspectos referenciais e sociocognitivos*. 2015. 233f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2015. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270611/1/Martins_ErikFernandoMiletta_D.pdf. Acesso em: 11 fev. 2020.

MARTINS, M. Somos todos bananas. *HuffPost Brasil*, [S.l.], 28 abr. 2014. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/mirelle-martins/somostodosbananas_b_5228743.html?ec_carp=4%5D589266521768700598. Acesso em: 2 jan. 2020.

MENDES, L. D. *O macaco, a banana e o preconceito racial: um estudo sobre a metáfora no discurso*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3568>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MIRANDA, N. S.; BERNARDO, F. C. Frames, discurso e valores. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 81-98, 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636596>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636596>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 93-113, 2010. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/artigo4.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MORATO, E. M. Processos de (des)legitimação linguístico-cognitiva: notas sobre o campo das patologias. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 38, n. 105, p. 159-178, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622018000200159. Acesso em: 11 fev. 2020.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 125-137, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636599>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. “O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. *Revista USP*, São Paulo, n. 115, p. 11-28, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/144198>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MORATO, E. M. *et al.* O papel dos frames na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, p. 91-110, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648347>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648347>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 2., 2003, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2003. [s.p.]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

NEYMAR JÚNIOR. *Deeeeitou @danid2ois [...]*, 27 abr. 2014. Instagram: @neymarjr. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/nTvbI8Rth0/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

PARINTINS LIMA, R. Frames em interação e indicialidade social de gênero em entrevistas com Laerte Coutinho. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 22, n. 2, p. 37-57, 2018. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2018.v22.28213>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28213>. Acesso em: 11 fev. 2020.

PARINTINS LIMA, R. *A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des)alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos*. 2019. 374f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/335557>. Acesso em: 11 fev. 2020.

PIRES, B. Não somos macacos. *Placar*, São Paulo, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://bololomineires.wordpress.com/2014/04/28/nao-somos-macacos/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

PIRES, F. B.; WEBER, M. H. Somos Todos Macacos e todos mestiços: visibilidade e naturalização do racismo. *ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 58-74, 2018. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i3.20272>.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329927964_Somos_todos_mesticos_visibilidade_e_naturalizacao_do_racismo_na_campanha_Somos_Todos_Macacos. Acesso em: 11 fev. 2020.

REGINALDO, L. Racismo e naturalização das desigualdades: uma perspectiva histórica. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 21 nov. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/racismo-e-naturalizacao-das-desigualdades-uma-perspectiva-historica>. Acesso em: 22 jan. 2020.

SACRAMENTO, M. #Somos todos macacos coisa nenhuma. *Diário do Centro do Mundo*, [S.l.], 28 abr. 2014. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/somos-todos-macacos-coisa-nenhuma/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

SADER, E. Somos todos macacos. *Carta Maior*, [S.l.], 28 abr. 2014. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Blog/Blog-do-Emir/Somos-todos-macacos/2/30806>. Acesso em: 1 ago. 2016.

SANTANA, G. de; BONINI, L. M. de M.; PRADOS, R. M. N. Somos todos macacos ou bananas? Análise semiótica do discurso étnico-racial contemporâneo. *REGIT*, Itaquaquecetuba, v. 7, n. 1, p. 39-55, 2017. Disponível em: <http://www.revista.fatecitaqua.edu.br/index.php/regit/article/view/REGIT7-ART3>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SANTOS, J. V. Racismo precisa ser visto como trauma central da violência no Brasil. *Instituto Humanitas UNISINOS*, São Leopoldo, 19 mai. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579126-racismo-e-preciso-ser-visto-como-trauma-central-da-violencia-no-brasil>. Acesso em: 2 jan. 2020.

SILVA, D. The Circulation of Violence in Discourse. In: SILVA, D. (org.). *Language and Violence: Pragmatic Perspectives*. Amsterdam/Philadelfia: John Benjamins, 2017. p. 107-124. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.279>

SILVA JÚNIOR, H. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 abr. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/04/1446793-opiniaosomos-todos-humanos.shtml>. Acesso em: 2 jan. 2020.

TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1999.

VEREZA, S. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 109-124, 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636598>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636598>. Acesso em: 11 fev. 2020.

WHITEHEAD, K. Discursive approaches to race and racism. In: GILES, H.; HARWOOD, J. (org.). *The Oxford Encyclopedia of Intergroup Communication*. New York: Oxford University Press, 2018. p. 324-339. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/09n8d4v8>. Acesso em: 11 fev. 2020.

XEXÉO, A. Somos todos macacos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/somos-todos-macacos-12338913>. Acesso em: 2 jan. 2020.